

● MILÍCIA EM APUROS

Tirava onda de 'puliça'

Corregedoria investiga como homem posou de policial civil por mais de 10 anos

O Departamento Geral de Homicídios e Proteção a Pessoa (DGHPP) vai pedir à Corregedoria da Polícia Civil que investigue o possível envolvimento de agentes com a milícia de Itaboraí. A medida foi anunciada pelo diretor do DGHPP, o delegado Antônio Ricardo Nunes, após o cumprimento de mandados de prisão e de busca e apreensão contra PMs na operação que investiga o grupo paramilitar.

Segundo o Ministério Público Estadual (MPJR), um dos presos na operação de ontem, Mayson César Fidélis Santana, se passava por policial civil havia mais de 10 anos, tendo acesso ao sistema da polícia e chegando a dirigir carros caracterizados como viaturas da 71ª DP (Itaboraí). Ainda não se sabe se os veículos eram clonados.

Mayson também atuou em delegacias de Niterói e repassava as informações que conseguia para a esposa, a advogada Tânia Monique Fael Correa, presa com ele ontem, em um condomínio de luxo de Icaraí, área nobre de Niterói. De acordo com as investigações, Tânia negociava uma trégua entre os milicianos e os traficantes de drogas da região onde o grupo paramilitar se instalou.

O Ministério Público Estadual vai investigar se agentes lotados na 71ª DP (Itaboraí) foram cooptados pela milícia, assim como policiais do 35º BPM (Itaboraí). A Polícia Civil e a Polícia Militar garantem que as suas corregedorias irão investigar as denúncias.

Os investigadores descobriram que advogados que defendiam a quadrilha monitoravam ações da polícia. Um dos advogados, Alvaristo Assis Júnior, fotografou carros descaracterizados da Polícia Civil e mandou as fotos para um grupo de WhatsApp dos milicianos.



REGINALDO PIMENTA

Mayson (de branco) se fazia passar por policial e usava carros caracterizados como viaturas da 71ª DP

Armas, confrontos e assassinatos em áudios

• Áudios interceptados pela investigação que desarticulou o grupo miliciano mostram o fornecimento de armamento, munição e a rivalidade com o tráfico de drogas em Itaboraí. Em um dos áudios, um criminoso fala da chegada de fuzis para a quadrilha: “Fica tranquilo, rapaziada, que a gente já tá chegando do Rio com fuzil novo aí, mano. Eu, BN e o 2D já estamos chegando com o fuzil aí, valeu?”. 2D é Eduardo da Conceição Men-

des Ferreira, também conhecido como Dudu. BN é Bruno Monteiro de Mendonça.

Em outro áudio, os criminosos falam da atuação contra traficantes. “Boca de fumo é o c***, pô. É a Tropa do Playboy, acabou irmão, acabou o esculacho”. Playboy é o ex-PM Alexandre Loback Germinian, um dos principais integrantes da milícia, que conseguiu escapar pulando do quarto andar de um prédio.

Os criminosos também tro-

cam informações sobre ações de assassinato, como nesse áudio: “Irmão, fui lá. Mas não pode pegar assim na frente de todo mundo, não. A padaria cheia de gente. A mulher do caixa já com a mão na cabeça, quase chorando. Viu quem é, tem que esperar sair no sapatinho. Liga pra gente, que a gente joga no carro e cabô, irmão. Não deu pra pegar o menor, não. A gente teve que deixar ele. Tem que ficar vigiando ele. Quando ele sair lá, é o ‘bicho’”.

Extorsão até em escola

• Um áudio interceptado na operação contra a milícia de Itaboraí revela um homem identificado como Thiago coagindo a funcionária de uma escola a pagar R\$ 300 por semana ao grupo. A mulher diz que o valor é muito alto e consegue negociar até baixar para R\$ 120 por semana. Na conversa, fica estabelecido que um homem do grupo iria fazer a cobrança no fim de cada mês. “A gente vai de viatura ou carro particular”, diz Thiago. “Não, viatura não pelo amor de Deus”, rebate a mulher que pede discricção por parte do grupo.

Atuação até no Comperj

• Além de moradores e comerciantes, os milicianos também atuavam nas obras do Complexo Petroquímico do Rio (Comperj). “Eles cobram taxas em vários serviços, inclusive no transporte de vans que levam funcionários para as obras e também têm essa ponte de quem for contratado para que pague uma taxa para eles”, conta o promotor Rômulo Santos Silva. Em nota, a Petrobras disse não ter identificado qualquer tentativa de extorsão promovida por grupos criminosos no Comperj.